

# OPÚSCULO 12

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

*João Soares*

---

O SUPORTE DA  
MORAL DIFUSA

DAFNE EDITORA



## O SUPORTE DA MORAL DIFUSA

A noção de suporte facilmente se confunde com a ideia genérica de estrutura, ou de conjunto de sistemas, o que não é necessariamente errado. Mas se se pretende explorar uma especificidade para tentar utilizar essa noção como referência operativa, será importante tentar caracterizá-la. Tome-se como exemplo um texto. Se for escrito, o seu suporte é o livro. Se for contado, é a voz. Se for lido numa emissão radiofónica, o suporte do texto passa a ser o sistema de radiofusão (ou a voz através dele). Se for representado em cinema ou teatro, serão os espectáculos cinematográfico ou teatral. E por aí fora. A estrutura do texto não se altera necessariamente consoante as maneiras de o apresentar, apesar de poder assumir adaptações que tornem o texto mais eficaz face ao dispositivo de comunicação: por exemplo, a adaptação do texto para argumento dramático, em que se introduzem questões de ritmo e de tempo; o guião em que discriminam minuciosamente procedimentos técnicos específicos capazes de assegurar a execução do texto em peça teatral. Vistas as coisas deste modo, o suporte corresponde à forma como um texto se veicula. O suporte depende da comunicação e define-a.

Em termos de física estática e dinâmica, o suporte é o aparelho estrutural, o conjunto dos elementos que sustentam o edifício, ou ainda, o terreno onde se implanta. Em termos urbanos, as palavras *território* e *paisagem* são muitas vezes empregues referindo-se ao suporte como um fundo, um solo onde tudo se apoia. O suporte último é a própria

terra, suporte de outros suportes ainda, mesmo quando não aparente (...) *porque o mar também é terra*, como disse Álvaro de Campos.<sup>1</sup>

Poderá dizer-se que a noção de suporte se refere a uma condição—uma estrutura é suporte quando *suporta* algo. A condição de suporte deriva, então, da existência de uma entidade que precisa de ser suportada.

Assim sendo, as reflexões que se fazem neste texto tomam em consideração uma abordagem dupla: em torno das características dos suportes e da consistência do que suportam. Nesta perspectiva abrem-se, na raiz, duas vias. A partir destes dois caminhos, os raciocínios que vão sendo feitos abrem sucessivamente outros percursos possíveis, às vezes atalhos, às vezes becos sem saída.

Perante a relação de reciprocidade entre suporte e coisa suportada, a própria condição de suporte é relativa, isto é: consoante a «situação» (territorial/urbana/rural/social...) que caracteriza um «lugar», o seu suporte pode assumir diferentes formas—mais do que plástico é coisa elástica—poderá ser aquilo que caracteriza mais fortemente uma unidade territorial, o que não quer dizer que seja o que exerça um maior efeito sobre um determinado meio físico e social. O suporte poderá ser: um sistema geológico; um sistema de trabalho (que por sua vez pode até assumir a forma de paisagem como por exemplo no caso dos socacos do Douro); um sistema social (como nos casos de aldeias organizadas em comunidades); um tecido industrial (ou uma coisa tão simples como uma vocação produtiva uma escolha de um produto e uma maneira específica de fazer—moldes, acessórios de aparelhagens de alta tecnologia); uma tradição e conhecimento (produtos específicos—ou locais—de impacto internacional).

A questão fundamental é que o suporte (a função que desempenha) depende do programa que nele se desenvolva. O carácter do suporte define-se pelo «uso» associado: uma mesa é uma mesa, serve para nela se comer ou trabalhar, mas pode ser também utilizada como abrigo e, se for virada ao contrário, como jangada. No urbanismo nada se perde, nada se cria... naturalmente, o uso livre das infinitas possibilidades que um suporte pode oferecer é condicionado por convenções: regulamentações, âmbitos, propriedade ou por convenções culturais, preconceitos ou tradições. Encarado do ponto de vista de coisa física—terra ou terreno—o suporte, em si, é relativamente neutro. Quer dizer, não é o simples facto de existir (de «ter lugar») que determina uma situação de desenvolvimento urbano, tem que agir sobre o território uma ordem.

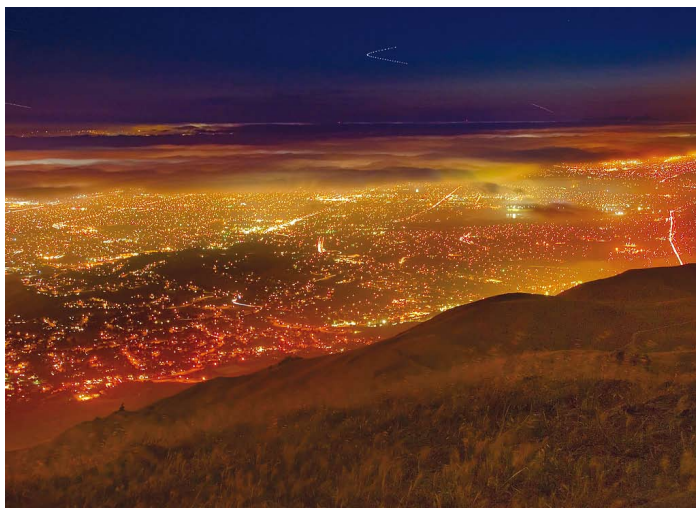
Outra questão relevante é a da polivalência. Quanto mais possibilidades de assumir diferentes vocações, maiores serão as valências do suporte. Será mesmo assim? No campo da arquitectura a experiência mostra que estruturas arquitectónicas rígidas se revelam capazes de albergar diferentes programas—o caso de escolas, hospitais ou fábricas que ocupam espaços de antigos conventos é o mais recorrente. Essa mutação acontece tanto por via da própria rigidez da estrutura (entendida como virtude) quanto por via de uma certa afinidade estrutural dos programas que sabem encaixar nelas—portanto, a flexibilidade coloca-se também do lado do programa que sucede a um anterior.

Um relógio parado dá as horas certas duas vezes ao dia. A metáfora também pode servir aqui, isto é, uma estrutura urbana robusta, pelo simples facto de permanecer no espaço ao longo do tempo, possui a capacidade concreta (física) de ser reutilizada, mesmo que de maneiras distintas da sua programação inicial, esse facto é, por sua vez, uma valência própria das coisas concretas, apresentam-se disponíveis para serem reconvertidas, reutilizadas, reabilitadas, regeneradas.

O conceito de suporte pode remeter também para a ideia de salvavidas, ser o que assegura um funcionamento mínimo—uma certa integridade—quando as coisas deixam de funcionar. Aquilo que, mesmo numa situação para a qual inicialmente não foi concebido, garante a possibilidade de continuar, ou pelo menos, suspender uma determinada situação (de outra maneira insustentável) até ao restabelecimento de uma normalidade—o suporte pode então ser também considerado como um dispositivo provisório. Ora, se um dos novos princípios do urbanismo de que fala François Ascher<sup>2</sup> for tido em consideração—*elaborar e gerir projectos num contexto incerto*—o suporte poderá considerar-se entidade/mecanismo, a condição por excelência da contemporaneidade, ou melhor, a condição dos territórios (urbanos ou urbanizáveis) do espaço contemporâneo que assegura formas de continuidade.

Algo que está lá mesmo quando não se vê, algo que existe mesmo quando não se reconhece.

Através desta interpretação múltipla e caleidoscópica do conceito de suporte, o que emerge é que o próprio conceito viaja e assume diferentes funções (e responsabilidades) de situação para situação, pelo que o que se torna fundamental é definir com clareza não tanto a função do suporte, quanto a sua relação em cada situação específica.



—O difuso a meia altura—

Stefano Boeri descreve o território Italiano através de três olhares: *Il cielo sotto. Dall'alto—Sommovimenti; A quota zero—Moltitudine; A mezza altezza—Poliarchia.*<sup>3</sup> A distância com que se olha para as coisas revela também uma diferença estrutural (ou hierárquica) na relação com a envolvente, ou melhor, com a abrangência da envolvente que o olhar mostra. Em termos económicos, por exemplo, para o próximo e o distante pode fazer-se *uma interessante aproximação às economias de proximidade, enquanto fontes de competitividade urbana ou regional, e às economias de distância, encarando as cidades ou aglomerações como nós ou sítios de redes mais alargadas.*<sup>4</sup>

Um dos pontos de reflexão sobre a condição urbana é o do confronto, ou do ideal da síntese de dois mundos: a Cidade e o Campo. Recuar ainda mais, na procura de uma diferença vertical, pode ser talvez, recuar ao primeiro momento em que se contrapôs o espírito nómada ao sedentário. O debate que ainda caracteriza o presente é o que opõe a cidade compacta, definida e contida, e a cidade difusa, disforme, espalhada.

Na colecção de reflexões que procuram tornar inteligível um fenómeno como o da *sub-urbanização*—isto é, da transposição das práticas

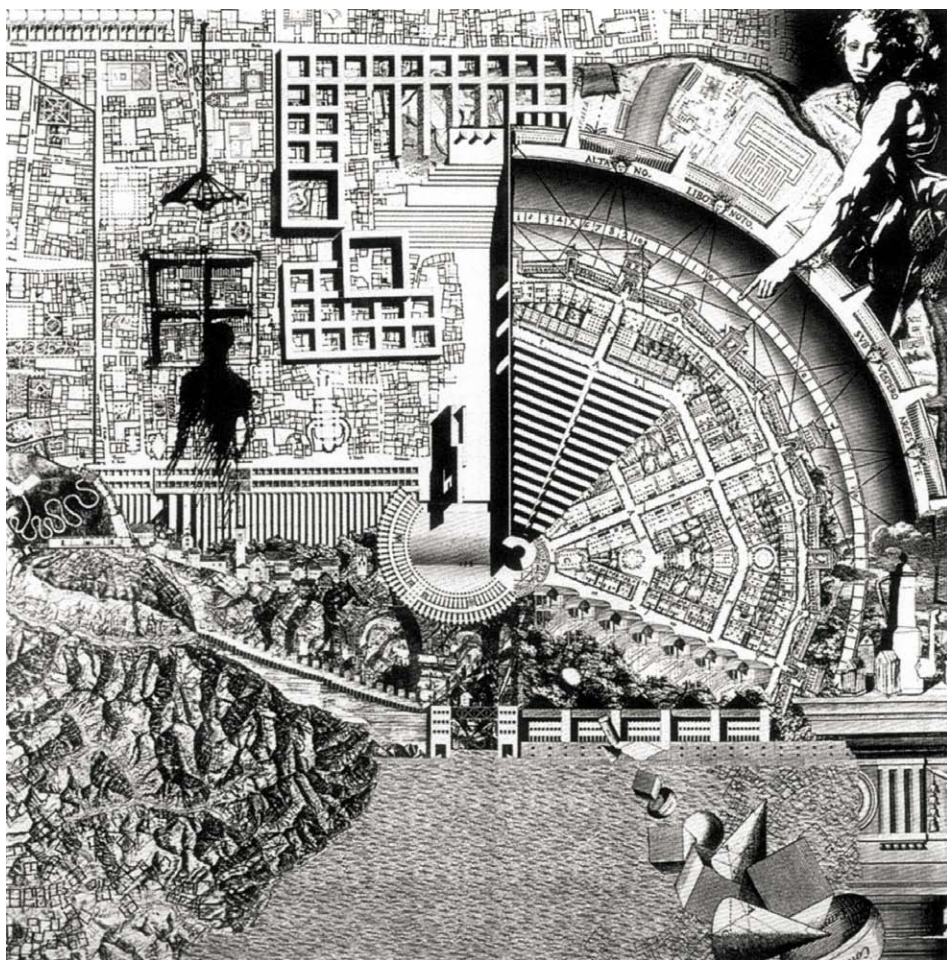
normalmente exclusivas das cidades para fora delas—o maior esforço que tem sido feito é o de assegurar uma objectividade de análise. Porém, ao classificar como «fenómeno» essa sub-urbanização, está-se, implicitamente, a considerar que existe numa certa ausência de planeamento. O fenómeno é algo que acontece, não se planeia—raramente nos referimos ao fenómeno de Paris, ao fenómeno de Londres, etc., mas referimo-nos ao fenómeno do Ave, do Rhur, do Veneto.

O conjunto de elementos característicos da cidade «canónica» (espaços públicos, parques, avenidas, bairros, etc.), é o suporte da vida em comunidade, o lugar físico onde acontecem as relações entre o individual e o colectivo. Pode esse conjunto ser convertível para qualquer situação urbana, se tomarmos por urbano o que acontece numa «densidade» mínima de relações sobre um espaço paisagístico e social? O que será o suporte num «lugar-comum»? Quando se refere o «território como suporte», ou o «território como suporte da cidade» a que se faz, exactamente, referência? Ao terreno, a imagem mais simples?

É já longa a lista de termos inventados (palavras compostas, neologismos)<sup>5</sup> para procurar dar um novo nome a esta coisa «nova», mas parece existir uma certa incapacidade para sair de um raciocínio analógico. A prova dessa incapacidade é a referência sistemática à «cidade» para designar, indiscriminadamente, tudo o que é urbano—cidade difusa; cidade dispersa; cidade-Jardim; etc. Quando se sai desse sistema analógico entra-se na metáfora organicista. O que parece é que persiste uma dificuldade na produção de um código de palavras próprio, capaz de designar dinâmicas específicas destes ambientes pós-urbanos.

Quando Aldo Rossi desenha *la città analoga*,<sup>6</sup> reitera a dependência (romântica) de um presente em relação a uma imagem clássica e segura —a cidade. Mas enquanto se insistir na leitura deste vasto espaço que não é a cidade (compacta) através do filtro analógico da cidade, continuará a ser difícil conseguir ler esse vasto território. Continuar-se-á a procurar a *praça* (ou a forma dela) na *cidade* difusa, as ruas e as avenidas, as muralhas, ou os *belts*, e não se estarão a ver os nós, as vias, os corredores, como espaços que se podem também apresentar como lugares.

Sendo a cidade difusa caracterizada pela descontinuidade e pela dispersão—extensa—sobre um território intermitente, mas presente e perceptível, talvez pudesse fazer sentido recorrer a uma leitura destes lugares apoiada num sistema que misturasse referências mais geográficas e topográficas com cartesianas (da rede). Poderá ser útil não



—*La città analogica*, A. Rossi, F. Reinhart, B. Reichlin, E. Consolascio, 1976—



assumir uma dialética radical em que uma escolha implique a negação da outra—trata-se de perceber o que escolher de uma e, o que escolher de outra (as partes melhores, será a tendência natural).<sup>7</sup>

Por mais que se inventem leituras ou interpretações, se construam dispositivos conceptuais, teorias e princípios, a mais refinada e coerente das ideias parece cair por terra quando encontra o espaço do difuso. Parece haver um desajuste entre a sofisticação intelectual e o objecto da reflexão. Há um atrito nestes territórios que resiste à clareza. E esse atrito deriva da falta de intensidade ou de densidade, em todos os sentidos. É como se o carácter difuso e diluído da urbanidade nestes territórios fosse tão fortemente frágil que obrigasse também à diluição,<sup>8</sup> tanto dos conceitos como das interpretações, inventadas para os desdodificar. Andrea Branzi fala de uma modernidade *debole e diffusa*.<sup>9</sup>

Este ponto de vista não se pode porém confundir com nihilismo. Continuam a existir, mesmo na mais irreconhecível das situações, aspectos estruturais e aspectos subsidiários—prefiro chamar-lhes assim do que macroscópicos ou microscópicos, porque dinâmicas microscópicas podem actuar sobre áreas, de forma tão insistente ou ampla, ao ponto de influir sobre o carácter de determinado lugar, tornando esse aspecto estrutural (um estrutural difuso, mas sempre estrutural).

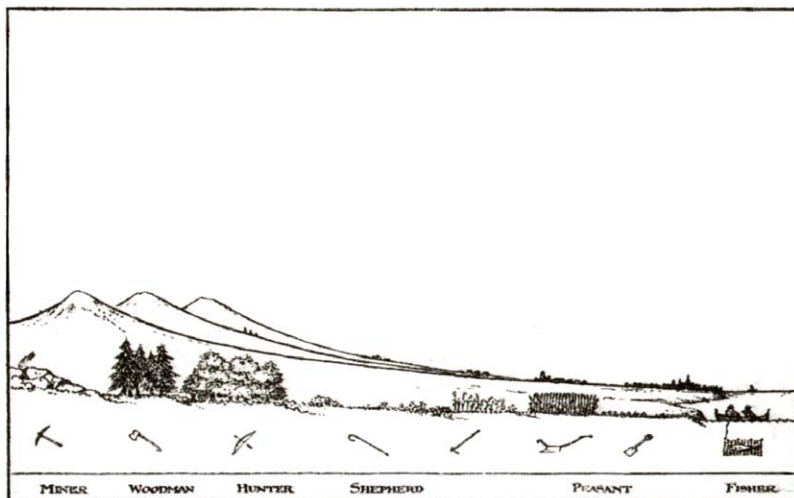
A «diluição» lê-se também nos mais elementares procedimentos de construção. Tomemos como exemplo o léxico dos municípios: os projectos que lidam com pré-existências construídas dão entrada para licenciamento como alterações ou ampliações. Mas no espaço real e nas três dimensões dos territórios esse léxico assume mil formas, o espectro do seu significado alarga-se, *alterar* ou *ampliar* corresponde a: acoplar; encostar; fundir; sobrepor (armazéns com casas); engolir (edificações pequenas); desviar (caminhos, partes inteiras de terreno)... Metamorfosiam-se formas e também funções—a forma já não segue a função (ou vice versa) porque as funções não se enformam e as formas assumem novas modalidades de funcionamento. A máxima modernista, aqui, não funciona porque as formas e funções metamorfoseadas que o *suporte* suporta fazem-no emergir, ele próprio, com outra escala e outra consistência—emerge como vasto e descontínuo. Mas, e uma vez mais, não é o suporte que possui estes atributos, é a maneira como é usado a conferir-lhe a natureza.

## UM CATÁLOGO CLÁSSICO

Da História das ideias urbanas que foram sendo fabricadas e colecionadas desde que, no plano de Ildefonso Cerda, se empregou o termo *urbanización* para designar o processo de edificar cidade a partir de uma ideia de planificação da construção no tempo, alguns autores abordaram, de forma central, tudo o que está para além dos centros urbanos. Para esta reflexão interessa lembrar, por ordem, Ebenezer Howard (com Raymond Unwin e Barry Parker); Patrick Geddes, via Lewis Mumford (com o grupo multidisciplinar da *Regional Planning Association of America*), Frank Lloyd Wright e Alison & Peter Smithson—com estes autores chega-se, sensivelmente, até meio do século passado. A paragem é intencional, este grupo de pensadores e executores caracterizam-se pela utopia (sendo diferente a dos últimos).<sup>10</sup>

Depois de duas guerras mundiais, a possibilidade de congregação das acções e intenções dos homens parece mais difícil. Por isso pode-se considerar como de charneira a obra dos Smithsons que, face a uma nova condição, afirmam *this is tomorrow*,<sup>11</sup> grito que tem sentido como abrir de olhos a um realismo cru, mas também como gemido de desilusão e nostalgia (o *tomorrow* está sempre lá, desta vez como o que foi a forma do futuro, passado). Que ideias produziram estes autores(a) que possam servir de catálogo de apoio ao pensamento sobre territórios como os que temos em mãos, hoje?

Tendo-se tornado quase um «lugar-comum» as ideias de Howard, Wright e mesmo do grupo RPA (desde a *Cidade-Jardim*, passando por *Radburn*, até *Broadacre*—que é também passar da Europa aos eua), pode ser mais útil concentrarmo-nos sobre as ideias de Geddes e dos Smithsons (e assim mantemo-nos na Europa). A escolha recai sobre os ingleses porque terão feito o trabalho menos dependente de uma imagem totalizante (como, por exemplo *Broadacre*) e propõem a co-existência



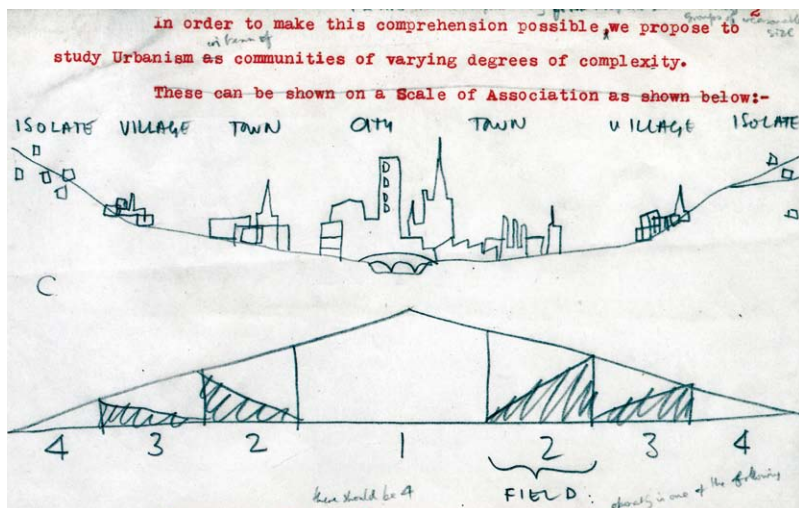
—Valley Section, Patrick Geddes, 1905—

e concomitância de diferentes maneiras de agregação urbana. Naturalmente para a leitura da riqueza destas experiências mais cruzadas contribui a presença de ideias arquétipas da nova condição das cidades fora das cidades, feitas em paralelo.

De Geddes interessa rediregir a atenção para a visão holística (diferente de totalizante) e de toda a produção de termos e significados, de técnicas de abordagem, sobretudo porque, dando nomes às coisas, Geddes criou uma base linguística que permitiu a leitura e a interpretação de novas formas (já latentes, mas invisíveis, porque sem nome), de novos paradigmas, dir-se-ia hoje. A própria noção de Meio-Físico e Social, isto é, da interrelação das questões culturais, geológicas, económicas a nível regional, foi inventada por este escocês.

De Alison e Peter Smithson, (também inspirados por ideias de Geddes), interessa a capacidade de colher na realidade, tal como ela se encontra, «*as found*», uma possibilidade simultaneamente pragmática e poética.

Uma visão apresenta-se como mais processual (Geddes), a outra mais arquitectónica (Smithsons). Não sendo nenhuma das duas suficiente, criam bases importantes— a necessidade de conhecer bem o lugar onde se pretende intervir, e a ideia de que, para intervir em diferentes



—A&P Smithson, Manifesto de Doorn, esboço preparatório para o CIAM X, 1954—

ambientes, se pode recorrer a diferentes formas. Geddes identifica e desmonta (ou cria) a complexidade regional do suporte, ou melhor, desmonta a ideia de um suporte único, para indicar o conjunto dos suportes (propondo uma interpretação para a relação entre eles— a acção de pesquisa preliminar; a secção-tipo e o museu vivo que era a Outlook Tower). No manifesto de Doorn, de 1954, sobre o *habitat*, os Smithsons identificam quatro grandes situações, ou suportes, para os quais propõem formas alternativas e diferentes «escalas de associação»,<sup>12</sup> que variavam desde a casa isolada à aldeia, à vila e à cidade.

Depois destes autores a história é mais próxima e define-se por uma constelação de ideias em que alguns ensaios se constituíram como marcos mileares—da *Arquitectura da Cidade* de Rossi à *Edge City* de Garreau; da *Cidade dos Bits* de Mitchel, à cidade que se pode ler nos mapas Psicogeográficos de Debord, passando pela metáfora do território como Palimpsesto de Corboz ou à *terceira paisagem* de Clément, muitas foram as «cidades» descobertas.<sup>13</sup>

A questão que fica no ar (ou, no caso, no papel) é a de saber qual é, afinal, o suporte epistemológico para o entendimento e para a actuação nestes espaços urbanizados. Reivindicar para o campo da arquitectura essa função será algo assim tão ingénuo? A abrangência e dimensão

dos espaços urbanizados define a Geografia como campo de investigação basilar. A política trata das questões da Pólis (centro) uma outra política trataria das questões para lá dos centros (excêntricas). Parece que é à Urbanística que cabe essa função: a própria definição desta «ciência» se baseia nesse pressuposto. Poderá ser tautológico, mas faz sentido dizer que a urbanística se ocupa das questões urbanas.

O que prevalece é a ideia de um domínio disciplinar cuja especificidade é a própria ambiguidade, no que toca às delimitações dos campos—isso quer dizer, não a invenção de uma nova matéria, mas o reforço do emprego de técnicas operativas de transdisciplinaridade e criatividade na procura da adequação das formas dos espaços aos territórios e paisagens, e destes às pessoas. Não é somente o suporte físico a dever ser repensado—em qualquer dos casos ele existe. Nem somente o suporte económico a dever ser, igualmente, redefinido—ele também existe (ou existiu) e foi graças ao seu ímpeto que estes territórios se tornaram visíveis; o que parece claro é que falta desenhar (sem o prefixo «re») o suporte moral. Ou, se o termo «moral» impressionar, é o suporte social-cultural que precisa ser intensificado!

Este texto foi escrito no âmbito do evento *Arquitectura em Lugares Comuns* organizado pela Dafne Editora e pelo Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, para ser apresentado no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, nos dias 3 e 4 de Abril de 2008.

## NOTAS

- 1 Fernando PESSOA, Teresa Rita LOPES (ed.), *Poesia, Álvaro de Campos*, (Coleção Obras de Fernando Pessoa, Vol. 16), Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
- 2 François ASCHER, *Les Nouveaux principes de l'urbanisme*, Paris, Edition de l'Aube, 2001.
- 3 Stefano BOERI, «Tre sguardi sul territorio dell'Italia contemporanea» in *Il Sole 24 Ore*, Cf. <[www.stefanoboeri.net/website/publicazioni/tresguardi.htm](http://www.stefanoboeri.net/website/publicazioni/tresguardi.htm)><10-03-2008>. A «meia altura» é a altura a que viaja um helicóptero (ou que viaja uma avioneta que, segundo um parêntesis de Boeri, devia ser uma experiência obrigatória para qualquer estudante de arquitectura). É a essa altura que se percebem ligações entre coisas, que se percebem ligações entre suportes e objectos, onde se lê fundo e forma.
- 4 Ash Amin (2000) citado por Teresa Sá MARQUES, *Portugal na Transição do Século, Retratos e Dinâmicas Territoriais*, Porto, Afrontamento, 2004, p. 201.
- 5 De entre muitos, por exemplo Patrick Geddes cunhou o termo «Conurbation» que apresenta no livro *Cities in Evolution* (1915); Françoise Choay usa pela primeira vez o termo «Post-Urbain» no *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement* (1988)
- 6 O desenho *la città analoga* foi produzido para a bienal de Veneza de 1976 e é da autoria de Aldo Rossi, Fabio Reinhart, Bruno Reichlin e Eraldo Consolascio. O conceito, ainda que implícito em reflexões anteriores é explicitamente referido na introdução à edição portuguesa da *Arquitectura da Cidade*. Aldo ROSSI, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Cosmos, 2001. (Trad. José Charters Monteiro, 1971)
- 7 Como no exemplo dos três imans de Ebenezer Howard, onde aconteceria a reunião do melhor do campo com o melhor da cidade, publicado em 1898 no livro *To-Morrow: A Peaceful Path to Real Reform*.
- 8 Remete-se ao Universo líquido de Zygmunt BAUMAN, *Liquid Modernity*, London, Polity press, 2000. Este sociólogo considera que na modernidade tudo é inconsistente evanescente—líquido. O tempo presente é o tempo do fugaz e do precário, onde as coisas se encontram à mercê de uma velocidade e vertigem que não permitem sedimentação ou enraizamento do que quer que seja. Neste cenário os valores modificam-se, as vantagens rapidamente se transformam em desvantagens, a condição democrática e liberalista determina a antiquação de uma qualquer forma de pensamento de utopia social.
- 9 Andrea BRANZI, *Modernità debole e diffusa, il mondo del progetto all'inizio del XXI secolo*, Milano, Skira, 2006.
- 10 Para um enquadramento das ideias destes autores ver: Peter HALL, *Cities of Tomorrow*, Essex, Blackwell Publishing, 2002. (3.ª ed.) e Alison and Peter SMITHSON, *The charged void: urbanism*, New York, The Monacelli Press, 2005.
- 11 *This is tomorrow*, exposição na Whitechapel Art Gallery em 1956 (com fotografias de Nigel Henderson).

- 12 Explicitamente referidos e inspirados na *Valley section* que Geddes desenhou em 1909. Para as aldeias propunham as *Fold houses*; para uma densidade relativamente baixa propunham as *Galleon cottages*; para as vilas propunham a *Close house*; para a cidade *Crescent Terraced houses*. «*to be close is a function of the proximity of the houses laid along a pedestrian spine, internal and transverse with respect to the residential fabric, wich received overhead light and allows an alternation of lateral views of the countryside.*» Cf. Smithson, *op.cit.* Para a compreensão da influência das ideias de Geddes sobre os Smithson ver Volker WELTER, «Post-war CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes. Five Annotations.» in <[www.team10online.org/research/papers/delft1/welter.pdf](http://www.team10online.org/research/papers/delft1/welter.pdf)><10-03-2008>.
- 13 Para um enquadramento das ideias destes autores ver: Rossi, *op.cit.*, Joel GARREAU, *Edge City, life on the new frontier*, New York, Anchor Books, 1992. William MITCHELL, Sergio POLANO (coord.) *La città dei bits, spazi, luoghi e autostrade informatiche*, Documenti di architettura, Electa, Milano, 1997. (1.ª ed. *City of Bits, Space, Place and the Infobahn*, 1995). André CORBOZ, Paola VIGANÒ (coord.), *Ordine sparso, saggi sull'arte, il metodo, la città e il territorio*, Urbanistica, Franco Angeli, Milano, 1998. Gilles CLÉMENT, Filippo De PIERI (coord.), *Manifesto del Terzo paesaggio*, Quodlibet, Macerata, 2005. (1.ª ed. *Manifeste du Tiers paysage*, 2004) e de Guy Debord o desenho *The Naked City, illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, 1957.

JOÃO SOARES (1974), arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1998) e Dottore di ricerca pelo Istituto Universitario di Architettura di Venezia (2004). É docente no Curso de Arquitectura da Universidade de Évora e investigador do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA).

# OPÚSCULOS

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

<i>José Capela</i>	I	UTILIDADE DA ARQUITECTURA: 0+6 POSSIBILIDADES
<i>Pedro Gadanho</i>	2	PARA QUE SERVE A ARQUITECTURA?
<i>Godofredo Pereira</i>	3	DELÍRIOS DE PODER
<i>André Tavares</i>	4	AS PERNAS NÃO SERVEM SÓ PARA ANDAR
<i>Rui Ramos</i>	5	ELENCO PARA UMA ARQUITECTURA DOMÉSTICA
<i>Luis Urbano</i>	6	DUPLI_CIDADE E A FLÂNERIE CONTEMPORÂNEA
<i>Inês Moreira</i>	7	PETIT CABANON
<i>Susana Ventura</i>	8	O OVO E A GALINHA
<i>Guilherme Wisnik</i>	9	NIEMEYER: LEVEZA NÃO TECTÓNICA
<i>Miguel Figueira</i>	10	A MINHA CASA EM MONTEMOR
<i>Pedro Fiori Arantes</i>	11	O LUGAR DA ARQUITECTURA NUM «PLANETA DE FAVELAS»
<i>João Soares</i>	12	O SUPORTE DA MORAL DIFUSA